

Validação discursiva da informação

Marcio Gonçalves¹
Clóvis Ricardo Montenegro de Lima²

Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

***Title:** Discursive validation of information.*

***Abstract:** It discusses the dynamic validation of information on Wikipedia, it describes the collaborative culture of Wikipedia entries, it identifies entries discursively constructed and it describes how the web is considered an area of production of meaning through argumentative discourse. It is concluded that, in accordance with the theoretical proposals of Jürgen Habermas, Wikipedia is an emancipatory environment which is built from the argumentative discourse proposed by this author.*

***Keywords:** Validity of information. Discourse. Jürgen Habermas. Wikipedia.*

***Resumo:** Discute a dinâmica de validação da informação na Wikipédia, descreve a cultura colaborativa da Wikipédia, identifica verbetes construídos discursivamente e descreve como a web é considerada um espaço de produção de sentido por meio de discurso argumentativo. Conclui-se que, de acordo com as propostas teóricas de Jürgen Habermas, a Wikipédia é um ambiente discursivamente emancipatório e construído a partir do discurso argumentativo proposto por esse autor.*

***Palavras-chave:** Validade da Informação. Discurso. Jürgen Habermas. Wikipédia.*

Wikipédia e o ambiente discursivamente emancipatório

Recorda-se que as primeiras enciclopédias constituíam trabalhos individuais e, portanto, por mais erudito que fosse seu autor, o trabalho refletia apenas seu próprio conhecimento. O crescimento e a especialização da ciência levam, nesse sentido, à prática da constituição de comissões editoriais, transformando as

¹ Professor na Universidade Estácio de Sá (UNESA), na Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) e professor substituto na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

enciclopédias em obras de autoria coletiva. É possível perceber, portanto, que a dinâmica editorial da enciclopédia é modificada lentamente ao longo dos anos. (CAMPELLO, 2008, p. 15). “A democratização do conhecimento também atinge as enciclopédias, notadamente a Wikipédia online” (BURKE, 2012, p. 341).

A tecnologia eletrônica transforma as tradicionais enciclopédias impressas em produtos definitivamente ultrapassados, pelo menos para a faixa de usuários que utiliza o computador e tem acesso fácil às redes eletrônicas. A enciclopédia, que é um produto que conta com grande aceitação social, com um reconhecimento estético-formal instantâneo, passa a sofrer mudanças que podem ser caracterizadas por um novo paradigma similar ao ocorrido por ocasião da invenção da imprensa no século XVI (CAMPELLO, 2008, p. 15).

O advento de tecnologias digitais permite a criação de uma enciclopédia online, a Wikipédia, e que pode ser considerada como carro-chefe da ciência cidadã (BURKE, 2012, p. 341). Mais especificamente, considera-se, aqui, a de conteúdo em língua portuguesa, formada por cidadãos dos seguintes países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Baseado na tecnologia wiki, o conteúdo da Wikipédia é produzido por meio de código aberto e de forma coletiva na internet. Distingue-se, ainda mais, por ser feita de “a partir de baixo” (BURKE, 2012, p. 342). O termo *wiki* é inventado, em março de 1995, pelo programador de computador norte-americano Ward Cunningham e desde esse período é usado para os sites configurados no modelo de criação coletiva (JOHNSON, 2010, p. 18). Cunningham batiza sua criação de *Wiki* (do havaiano *wiki-wiki* = “rápido”, “veloz”, “célere”) por ser a primeira expressão havaiana que aprendeu quando um atendente do aeroporto recomendou, em sua primeira visita às ilhas, que pegasse os ônibus expressos “*wiki wiki*”, no Aeroporto de Honolulu (BLATTMANN; SILVA, 2007, p. 201).

O sistema *wiki*, diferentemente de outras páginas da internet, permite que o conteúdo seja editado e atualizado pelos

usuários, constantemente, sem haver a necessidade de autorização do autor da versão anterior. Esse sistema permite corrigir erros e inserir novas informações, ou seja, ninguém é autor proprietário de nenhum texto e o seu conteúdo é atualizado devido à possibilidade de ser reformulado (BLATTMANN; SILVA, 2007, p. 201). “Significa que não existe limite físico nem econômico para o número ou extensão dos artigos. Os bits são gratuitos” (GLEICK, 2013, p. 391).

Disponível na *web* desde sua criação e chamado de *Portland Pattern Repository* (<http://www.c2.com>), Cunningham pretendia desenvolver um site no qual os próprios usuários pudessem gerar, gerenciar e disseminar conteúdos. Com o sucesso do sistema que desenvolveu, vários clones surgem como alternativa para a construção participativa de textos. Para Bauwens (2005) um número crescente de redes sociais, como os *blogs* e as *wikis*, facilita a emergência de processos entre pares (O *Peer to Peer* = P2P) por meio da criação de confiança e capital social e da criação de valor de uso sem o intermédio da produção ou distribuição feita por organizações com fins lucrativos.

Os artigos da Wikipédia não são criados de uma vez só. Eles crescem ao longo de várias edições e muitas vezes feitas pela colaboração de diversos usuários diferentes. Um colaborador pode iniciar o artigo. Outro pode acrescentar mais textos e outro ainda pode reorganizar para deixá-lo mais fácil de ler. Ninguém é dono do artigo, mas muitas pessoas têm um zelo especial por aqueles nos quais investiram boa quantidade de tempo. Os colaboradores discutem como os artigos devem evoluir, avaliam a qualidade das fontes e estabelecem políticas editoriais. Essas páginas e discussões são abertas para análise pública detalhada, bem como os próprios artigos.

Há a premissa de que o debate entre muitos colaboradores com ideias diferentes sobre o mesmo assunto pode gerar como resultado o consenso. Tipicamente as discussões iniciam mais calorosas e participativas até se estabilizarem. Quando atingem o estágio menos dinâmico, o conteúdo é considerado como válido pela maioria do grupo, o que pode ser interpretado como consenso. O ideal de consenso é a força que

move a sociedade e, na web, isso se manifestaria proporcionalmente (GRACIOSO, 2011, p. 113). Benkler (2011, p. 104) acredita que algumas discussões são tão calorosas como as desenvolvidas frente a frente.

O fluxo de informação e sua distribuição ampliada e equitativa têm sido um sonho de diversos pesquisadores e cientistas em diferentes épocas. Desde a escrita o homem vem passando por proezas tecnológicas que têm mudado sua visão e sua relação com o mundo da informação (BARRETO, 2008). Vannevar Bush ao publicar na revista *The Atlantic Monthly*, em 1945, o seu mais conhecido ensaio *As you may think*, consolida a descontinuidade da ideia dos clássicos processos de armazenagem e distribuição do grande volume de informação científica acumulado.

Para Bush, a informação científico-tecnológica não deveria estar restrita aos cientistas, mas, sim, alcançar o cidadão comum como forma de elevá-lo social e culturalmente. Parece, assim, que, hoje, a Wikipédia até seja considerada um projeto que consolida as ideias deste cientista norte-americano (AIGRAIN, 2003).

A economia da informação em rede caracteriza-se pela ação individual descentralizada e pela ação cooperativa distribuída por mecanismos não mercadológicos, que não depende de estratégias de propriedade, mas que têm um papel muito maior, ou deveriam ter, na economia industrial da informação (BENKLER, 2006, p. 3; DITTRICH; LIMA; RÉGIS; ROMAN; 2010, p. 103).

Benkler (2006, p. 400) afirma que a produção colaborativa emerge como “sistema técnico social, viável, para motivar e organizar as contribuições coletivas humanas por outros meios que não sejam os contratos e a compensação do mercado”. A produção colaborativa é a realização de uma atividade voltada para o comum. As redes de produção colaborativa da sociedade atual têm características participativas e horizontais, entre produtores e usuários, que são diferentes das relações entre produtores, mediadores e consumidores do modo de desenvolvimento industrial do capitalismo.

As redes colaborativas levam a uma economia de produção da informação por meio de laços sociais entre cientistas ou cidadãos comuns. No ambiente da Wikipédia, sobretudo, vê-se como a participação promove, mais e mais, um compartilhamento de verbetes que, constantemente, sofrem alterações, acertos, inclusões etc. “Wikipédia é apresentada como uma nova/outra forma do conjunto dos saberes que estaria surgindo na contemporaneidade (SCOTTA, 2009, p. 71).

“Seriam a capacidade de memória praticamente ilimitada da Web e a abertura à edição colaborativa da Wikipédia que alimentariam o imaginário da “enciclopédia completa” (SCOTTA, 2009, p. 73). Em outras palavras, se antes os sujeitos concebiam estar diante do “saber total” porque a materialidade da enciclopédia limitava, no espaço e no tempo, sua extensão e seu campo de abrangência, fazendo com que estes tomassem as “coisas a saber” ali apresentadas como a “totalidade dos saberes” existentes, hoje tal interpretação estaria se delineando justamente pelo fato de a Wikipédia possibilitar que mais e mais saberes sejam disponibilizados a todo o momento em seu escopo (SCOTTA, 2009, p. 75).

A Wikipédia conclama a sociedade em geral para produzir conhecimento. O progresso da Wikipédia elucida, com cores muito vivas, uma proposta de produção de conhecimento mais visivelmente conturbada e criativa, em parte retomando um desiderato antigo da enciclopédia (reunir todo o conhecimento humano disponível), em parte refundando a epistemologia, tornada a ágora de acesso generalizado (DEMO, 2009).

Scotta (2009) alerta que quando se atenta para a história do enciclopedismo, não é encontrada nenhuma obra que, tendo sido construída em tão pouco tempo, tenha tido tantas “coisas a saber” como a Wikipédia. Ao contrário, a formulação dos saberes, na maior parte dos casos, era um trabalho demorado, que exigia do enciclopedista um tempo para a elaboração e para a reflexão (SCOTTA, 2009, p. 77).

Pode-se afirmar que na Wikipédia, de fato, tem-se saberes estabelecidos por “práticas discursivas e que podem, ou não, atribuir-lhes caráter científico, mas que, de um modo ou de outro, são formados por esses elementos que compõem grupos de

objetos” (que determinam o que vem a tornar-se tema de verbete), conjuntos de enunciações (que constroem no fio do discurso as definições ditas enciclopédicas), jogos de conceitos (que mobilizam discursos e se relacionam pelos links) e séries de escolhas (que regulam os posicionamentos e a permanência ou não de certos enunciados) (HENGE, 2010, p. 2).

A configuração colaborativa e distribuída na Wikipédia, como lembra Martins (2013, p. 96), levanta “questionamentos relativos ao processo autoral e à qualidade do que é publicado”. Como os textos são fruto de múltiplas intervenções é posto em xeque a forma tradicional de construção da legitimação da produção textual, que não passa pelo crivo das figuras tradicionalmente reconhecidas como portadoras de legitimidade para a produção de uma enciclopédia, pois não é baseada nas credenciais do escritor renomado ou do especialista (MARTINS, 2013, p. 96).

Henge (2010, p.2) conclui que acerca do conhecimento enquanto discurso que configura a Wikipédia, vê-se que ela [a Wikipédia] se caracteriza como enciclopédia por buscar abarcar “todo o conhecimento humano de forma imparcial” e “on-line uma vez que a internet em suas relações históricas com a formulação e a circulação dos saberes é seu suporte e o hipertexto sua materialidade discursiva” (HENGE, 2010, p.2). Em seu tom pós-moderno, a “Wikipédia consagra a noção preciosa de que uma ideia só pode ser “crítica”, se for plural. Ideia única, sendo “ideia fixa”, não passa de argumento de autoridade” (DEMO, 2009).

O discurso na wikipédia

A cartografia das controvérsias é o método de investigação para observar a formação do social baseado nos preceitos da Teoria do Ator-Rede, tendo como principais pontos a descrição daquilo que foi observado empiricamente acreditando no potencial dela em expor os fenômenos dispensando explicações. É encarar o fenômeno para, depois, perguntar-se

qual a melhor maneira (ou maneiras) para descrevê-lo. Serviria, assim, para descrever a construção (humana e discursiva) do social (VENTURINI, 2010).

Na Wikipédia qualquer leitor com acesso à internet³ pode acrescentar ou retirar informações de um verbete, independente de qual seja a instrução formal, titulação ou vínculo à academia. Para a edição dos verbetes o relacionamento entre os usuários logados (ou não) é regido por uma série de normas e princípios editoriais. Os usuários são organizados em categorias definidas em função do grau de acesso às ferramentas do sistema. Quem não está logado é identificado pelo número do IP da máquina que faz o acesso. Os que estão logados são identificados pelo nome de usuário registrado no cadastro (CUKIERMAN; ESTEVES, 2012).

Na Wikipédia em português, a discussão da composição da lista dos 1000 artigos essenciais para a versão nesta língua origina-se a partir de outra lista criada na Wikipédia em inglês⁴ cujo objetivo é listar os artigos que toda Wikipédia deve ter. Cabe aqui, portanto, a análise qualitativa da discussão que é desenvolvida entre os usuários da lista da versão em português.

Na página do projeto dessa lista encontra-se a seguinte descrição:

Com o objetivo de complementar a Wikipédia: Lista dos artigos que toda Wikipédia deve ter, que reúne os mil artigos mais importantes que toda Wikipédia deve ter, reunindo assim os assuntos mais relevantes mundialmente, foi feita esta lista complementar voltada especificamente para os interesses lusófonos⁵.

³ Há versão da Wikipédia para dispositivos móveis suportado por: iPhone, iPod Touch, Android, Palm webOS, Opera Mini, NetFront (telefones SonyEricsson, Playstation Portable, Playstation 3) e Nintendo Wii, mas não é possível editar.

⁴ Uma tradução desta lista é encontrada na Wikipédia em português http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Lista_dos_artigos_que_toda_Wikipédia_deve_ter

⁵ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Lista_dos_1000_artigos_essenciais

Uma primeira lista foi criada pelo usuário Manuel Anastácio⁶ no dia 17 de junho de 2004, às 11:50. Ele é considerado o responsável por determinar o tamanho da rede, pois a iniciativa leva outros atores a contribuir para o aumento ou não da densidade da rede. Nas palavras de Manuel Anastácio:

OK. A minha ideia é colocar, de início, as propostas no artigo e, depois, vamos cortando o que ficar a mais. Pode-se também fazer alterações às categorias. Sou contra uma categoria apenas sobre mulheres... É um sexismo descabido e podemos indicar muitas mulheres nas outras categorias, sem ser necessário uma secção deste género. O que dizem?

Em seguida, às 14:13, o mesmo usuário complementa:

Acho que ideia deverá ser, também, reflectir sobre artigos prioritários e não indicar os "bons" artigos que já existem. Já tenho algumas objecções a algumas das propostas, mas vamos esperar que apareçam mais.

Em um tópico chamado de Comentários da nova proposta, Manuel Anastácio e Joaotg iniciam uma conectividade e travam um debate sobre a importância da lista e os equívocos de criação da mesma. Joaotg comenta: “Parece-me que vamos chegar no entanto a um ponto em que teremos (digamos) 700 artigos existentes e 300 inexistentes, a partir do qual a discussão se tornará (ainda mais) absurda”. Manuel Anastácio retruca e diz que João está “a confundir os 1000 melhores artigos com os 1000 essenciais”. Para Anastácio, os “1000 essenciais representam aqueles que, na nossa opinião, qualquer enciclopédia deveria ter. A questão não é se existem ou não. Aliás, se não existirem é que a lista tem significado: para alertar para a urgência de os criar”.

Rjclaudio, por exemplo, tem prestígio nas discussões porque interage e propicia intermediação com alguns dos atores

⁶ O nome de usuário será preservado conforme consta no login do wikipedista.

da rede, promovendo, assim, aumento do grau de entrada e de saída. Neste caso, mostra posição de influência e parece controlar o fluxo de informação nos debates. Ao mesmo tempo, em relação à centralidade do ator, alguns (Tetrakys, Luan, RafaAzevedo e Helder) fazem colocações, mas não interagem com os demais atores da rede.

Com relação aos laços e ao compartilhamento de informação nessa rede, percebe-se a formação de laços fracos, pois se tratam de atores que não necessariamente andam nos mesmos círculos sociais tendendo, portanto, a serem diferentes. Nas trocas de informação ocorre pouca motivação para troca e compartilhamento de informação. RafaAzevedo, por exemplo, passa a ser um ator isolado, pois na participação do dia 18 de novembro de 2009 não obteve resposta à seguinte colocação:

Confesso que não entendi o propósito desta página. Quais artigos devem ser incluídos aqui? O que é um “artigo essencial”? Se estiver relacionado ao tema destes artigos, isto não estaria escapando ao Wikipédia: Princípio da imparcialidade?

As opiniões sobre quais verbetes devem ou não entrar continuam em constante debate na página Discussão. Transcrever cada uma das trocas de ideias e mensagens torna-se insano porque no ambiente da Wikipédia a dinâmica, por meio de hipertexto, leva o leitor a inúmeros caminhos. Percebe-se que, por mínima que seja a atuação ou prestígio de um dos envolvidos, a colocação e/ou observação feita incita curiosidades no próximo que entrar para a discussão.

Wikipedistas sugerem qual deve ser o formato na ordenação da lista. Outros propõem votação para a escolha de quais artigos devem entrar. Como dito antes, devido à facilidade de uso de hipertexto nas colocações (basta usar os comandos de criação de hipertextos disponíveis no próprio ambiente de edição da Wikipédia), no caso de Muriel, no dia 18 de outubro de 2005, às 07:21, ela sugere a visita a uma lista encontrada na Wikipédia em inglês que busca construir a relação das 100 personalidades mais relevantes da história.

Desacordos, mas agora não mais com a criação da lista, e, sim, em relação à ordenação e escolha do que nela deve ter, Nuno Tavares, em 18 de outubro de 2005, às 11:44, comenta:

Eu não conheço o islamismo, mas não deixa de ser curioso ver o Maomé acima do Newton, e Jesus abaixo dele :) Depois, Gutemberg em 8º, e Einstein em 10º. Como ateu, acho este lista um disparate, o Michael Hart que me desculpe :))⁷

O mecanismo da Wikipédia arquiva as discussões e move-as para uma subpágina. A justificativa é a de que em várias situações é útil arquivar discussões antigas. Desta maneira, em 2011, dia 11 de janeiro, às 12h13min⁸, GoEThe retoma a discussão com Rjclaudio acerca do tamanho das ilustrações, das imagens e das tabelas. Neste assunto, uma rede cria-se entre GoEThe, Rjclaudio e Flávio, o Maddox. Rjclaudio passa a aumentar seu grau de entrada porque expande o número de ligações direcionais que ele recebe.

Como os usuários “logados” podem criar subtópicos de discussão, nesta segunda parte, que compreende de 11 de janeiro de 2011 a 24 de fevereiro de 2012 (data da última postagem desde o dia em que se dá o recorte para esta pesquisa), a discussão gira em torno da qualidade das ilustrações e da revisão da lista. O subtópico “Palhaçada total”, criado por Pelo Poder do Z, em 17 de setembro de 2011, às 23h02min, comenta:

Esta lista é a maior palhaçada que já encontrei nesta wiki. Quem é que decide quais são os artigos essenciais? Ninguém meus caros absolutamente ninguém, pois seja quem quer que seja que decida, mesmo que seja a comunidade, a lista vai ser sempre tendencioso e no fim vai ser o resultado dessas tendências e não do real objectivo que seria determinar quais são os 1000 artigos essenciais.

⁷ Todas as transcrições são feitas exatamente como é publicada na Wikipédia.

Pelo Poder do Z, amplia a intensidade porque provoca a discussão ao fazer a seguinte pergunta: “Mas já agora, será que alguém sabe explicar para que raio é ou serve esta lista?” Diversos usuários participam respondendo a ele. OTAVIO1981, Flávio, o Maddox, Rjclaudio formam uma subrede que entra em discussão a partir desta indagação. Pelo Poder do Z questiona o porquê de no item História só estarem artigos genéricos de história dos países lusófonos. Ele ressalta: “E então, os estão dos descobrimentos? Sem eles não teríamos o mundo que temos hoje, ou então o Regicídio de D. Carlos I de Portugal, ou a Guerra colonial, já para não falar das várias revoluções da lusofonia?”.

A discussão permanece aberta e com possibilidade de contribuição de qualquer usuário interessado em montar esta lista. Tetraktys, em 24 de fevereiro de 2012, às 05h18min, deixa uma pergunta: “essa lista está parada ou sobrevive?”. Mesmo estando isolado porque não interage com outro usuário (pelo menos até a data em que esta pesquisa foi feita) este usuário continua: “(...) de qualquer modo, deixo minha contribuição na parte dos artistas, sugerindo acrescentar:

Artistas visuais: Mestre Ataíde, Victor Meirelles, Pedro Américo, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Tarsila do Amaral, Portinari, Lygia Clark, Hélio Oiticica. Músicos eruditos: José Joaquim Emerico Lobo de Mesquita, José Maurício Nunes Garcia, Carlos Gomes, Hans Joachim Koellreutter.

Tetraktys ainda completa: “P.S: na parte dos líderes políticos, embora não seja a minha área acho fundamental adicionar também Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Getúlio Vargas e o Lula”. A partir da propriedade dos dados coletados é possível perceber que as redes podem ser analisadas com relação a sua estrutura, composição e dinâmica. A estrutura, neste caso, compreende a forma de uma rede não tão intensa, mas, mesmo assim, é capaz de apresentar uma composição na

⁸ Nova marcação de hora na Wikipédia passa a ser neste formato.

qual é percebida que a qualidade da forma demonstra um ambiente de discussão e controvérsia.

Quanto à estrutura, Rjclaudio, enquanto nó desta rede, é o que apresenta maior grau de conexão. Essa conclusão é baseada na densidade da rede que ele cria. Outro fator a ser considerado é o histórico de participação dos atores nas demais discussões travadas ao longo da Wikipédia. Nessa enciclopédia *on line*, quanto mais se participa, melhor é entendida a dinâmica da participação colaborativa.

Inovações no processo de edição, portanto, passam a ser implementadas a partir de agora. A edição da Wikipédia exigia que as pessoas aprendessem a sintaxe do wikipetexto, que é uma linguagem de marcação bastante complexa, seja para inserir informação ou até mesmo para fazer pequenas correções em um artigo. Quando foi criada, em 2001, esta prática até era aceitável. Nos dias atuais, entretanto, o wikipetexto tem afastado colaboradores.

O Editor Visual⁹, um novo sistema de edição da Wikipédia que está sendo desenvolvido pela Wikimedia Foundation, permite que as pessoas editem sem ter que aprender a sintaxe wikipetexto. A ideia segue o que já é praticado por plataformas sociais, como, por exemplo, o Facebook. Espera-se, dessa forma, que se amplie a contribuição para a Wikipédia em todas as línguas em que ela existe.

Discurso e argumento: pretensões de validade

É preciso que se entenda a diferença entre os conceitos de giro, guinada ou virada linguística (*linguistic turn*) e guinada ou virada pragmática. É importante compreender que “virada” nada mais é do que uma mudança radical na pergunta filosófica sobre os elementos centrais de nossa experiência, que passa, assim, a ser articulada de outro modo (HABERMAS, 1990, p. 77-82).

⁹ http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikipédia:Editor_Visual

A virada linguística (*linguistic turn*) constitui uma superação do método introspectivo ou especulativo típico da filosofia moderna, que era centrada na problemática da consciência, pela análise proposicional. O primeiro passo da virada linguística consiste em priorizar a lógica das proposições (uma rigorosa análise sintático-semântica), acreditando ser esse um passo prévio indispensável a qualquer estudo filosófico. Quanto à virada pragmática, que ocorre posteriormente no interior da virada linguística, pode-se dizer que ela se dá em função de um esgotamento da mera análise proposicional da linguagem (HABERMAS, 1990, p. 77-82).

A grande conquista da virada pragmática, ocorrida no seio da filosofia da linguagem, está na importância atribuída à práxis comunicativa e não somente à representação da realidade, levando-se em conta o caráter “intersubjetivo da linguagem (as interações comunicativas, os usos que se fazem dos sinais linguísticos, em suma, o seu caráter pragmático)” (HABERMAS, 1990, p. 77-82).

Habermas utiliza agir comunicativo quando diz que a linguagem natural é utilizada como forma de interação social (ligação entre *alter* e *ego*) e a coordenação das ações são orientadas pela força consensual do entendimento. É o Eu pós-convencional em Habermas no qual o indivíduo (Ego) resgata para si o direito de construir-se a si mesmo em permanente diálogo com os demais (*alter*) utilizando-se de atos de fala fundados em regras discursivamente elaboradas (JUSTINIANO, 2008, p. 45).

Para Habermas (1996, p. 46) a intenção universal-pragmática básica da teoria do ato de fala fica expressa na análise das unidades de discurso elementares (expressões) de uma perspectiva semelhante àquela a partir da qual a linguística analisa as unidades da linguagem (frases). O êxito de um ato de fala comunicativo depende de um acordo sobre a razoabilidade das pretensões de validade nele exteriorizadas (SIEBENEICHLER, 2010, p. 23).

O núcleo da teoria do agir comunicativo de Habermas e da correspondente teoria da verdade pode ser resumido da seguinte forma: usar a linguagem significa, essencialmente,

avançar pretensões de validade que devem poder ser justificadas discursivamente. Por isso, ao lado de uma teoria discursiva da verdade, Habermas elabora uma pragmática universal cujo papel é expor as condições da comunicação (PINZANI, 2009, p. 80). Siebeneichler (2010, p. 23) considera que a “teoria do agir comunicativo coloca em jogo um processo discursivo de entendimento que visa a um consenso apoiado em razões ou argumentos”.

O conceito de compreensão, que para Pinzani (2009, p. 81) é tão importante para Habermas, contém um elemento potencialmente crítico, pois se permite questionar o conteúdo comunicado por um falante ou transmitido pela tradição e verificar a validade dele. Cada ação comunicativa se funda em um “ato hermenêutico de compreensão que pode sempre levar a um questionamento das suas pretensões de validade e, eventualmente, a um discurso no qual tais pretensões devem ser fundamentadas” (PINZANI, 2009, p. 81).

Após a virada paradigmática, pelo contrário, a verdade de um enunciado pode ser demonstrada também com base em razões que podem ser reconhecidas por uma comunidade de participantes da comunicação. O papel, que no antigo paradigma era atribuído à consciência, passa, no novo paradigma, a uma comunicação mediada por argumentos (PINZANI, 2009, p. 82).

Uma comunicação “funcionando convenientemente proporciona os critérios que permitem dizer o que não fica bem quando uma comunicação é interrompida, parasitada: assimetria, não respeito ao outro, impossibilidade de recorrer ao melhor argumento” (DUPEYRIX, 2012, p. 50).

Estejam elas relacionadas ou a questões do direito e da moral ou a hipóteses científicas e obras de arte – todas as argumentações exigem a mesma forma básica de organização relativa à procura cooperativa da verdade, que subordina os meios da erística ao objetivo de gerar convicções intersubjetivas, em virtude dos melhores argumentos (HABERMAS, 2012, p. 79).

O conceito do agir comunicativo pressupõe a linguagem como médium de uma espécie de processos de entendimento ao

longo dos quais os participantes, quando se referem a um mundo, manifestam de parte a parte pretensões de validade que podem ser aceitas ou contestadas (HABERMAS, 2012, p. 191). É o “telos do entendimento”, ou seja, o conceito do acordo obtido discursivamente que se mede pelo reconhecimento intersubjetivo, ou seja, pela dupla negativa de pretensões de validade criticáveis (HABERMAS, 2003, p. 211).

Habermas salienta a necessidade de discussão e argumentação para garantir que os participantes estejam cientes das questões e das implicações de tópicos de discussão. As diferentes necessidades, interesses e opiniões de todas as partes interessadas devem ser discutidos em um fórum público para que outros possam debater, questionar e analisar as perspectivas de cada um (ROSS e CHIASSON, 2011, p. 135).

A pretensão de validade implicitamente contida em afirmações levadas a cabo de forma ingênua é explicitamente articulada nas constatações metalinguísticas, sendo, em seguida, ou confirmada ou negada (HABERMAS, 2010b, p. 184). A ideia da verdade apenas pode ser desenvolvida com referência à revalidação discursiva de pretensões de validade (HABERMAS, 2010b, p. 189). A verdade, pelo contrário, não é uma propriedade de informações, mas sim de enunciados (HABERMAS, 2010b, p. 190).

Para distinguir entre enunciados verdadeiros e falsos, Habermas faz referência à avaliação de outros – a saber, ao juízo de todos os outros com que alguma vez pudesse entabular um diálogo. A condição para a verdade de enunciados é a concordância potencial de todos os outros. A verdade de uma proposição significa a promessa de alcançar um consenso racional sobre aquilo que é dito (HABERMAS, 2010b, p. 190).

Diálogo e discurso, esclarece Hermann (2012), referem-se a diferentes modos de ação comunicativa que podem ser esclarecidos pelo recurso à etimologia da palavra. Diálogo provém do grego dia-logos, que significa por meio da conversa, ou seja, uma conversa recíproca entre duas ou mais pessoas.

Diferentemente do diálogo, o discurso provém do termo latino *discurs*, que significa correr separados, correr para cá e para lá, dispersar-se. Constitui-se numa situação de conversa em

que as contribuições de um e de outro estão relacionadas e orientadas ao entendimento. Enquanto o diálogo filosófico realiza-se entre dois participantes, o discurso busca um entendimento pela discussão pública de participantes separados numa polifonia incômoda, própria das sociedades pluralistas.

O discurso está além do encontro pessoal, não é privado, mas se dá numa esfera pública. A preferência de Habermas pelo discurso deve-se ao seu ceticismo em relação a um diálogo platônico-metafísico e em seu interesse na estrutura não existencial de uma esfera pública política que ultrapassa o plano pessoal. O discurso é uma forma especial de comunicação em que os participantes reagem diante de uma determinada perturbação (HERMANN, 2012).

González de Gómez e Gracioso (2007b) afirmam que a “presença, disseminação e importância dos saberes dos outros é, porém, uma das riquezas e um dos riscos de toda cultura, e mais que nunca, do mundo contemporâneo”. Compreende-se um ato discursivo quando se entende o que o faz aceitável. Nesse quadro, Habermas não fala de verdade, mas de pretensões ou demandas de validade.

Como “pretensões de validade”, as ofertas enunciativas do falante são colocadas em jogo numa relação intersubjetiva e estão sempre sujeitas à aceitação ou rejeição do ouvinte. Sua validade depende assim das garantias, ou das boas razões que o falante pode oferecer para sustentar suas afirmações. Pretensões ou demandas de validade (entre as quais, a demanda de verdade objetiva), “dependerão sempre das justificativas que as sustentem, sob a premissa de uma racionalidade condicional e histórica” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2007a).

“O discurso desempenha o papel de um enunciado com pretensão e validade problematizada” (HABERMAS, 2010, p. 188). Decerto que o conteúdo informativo se apoia em fatos, mas só depois de uma informação ser posta em causa e o conteúdo da informação for posto à discussão, do ponto de vista da possibilidade, fala-se de fatos que são afirmados por (pelo menos) um proponente e contestados por (pelo menos) um oponente (HABERMAS, 2010, p. 187).

Discursos requerem, em primeiro lugar, uma suspensão de constrangimentos à ação que deve levar a que todos os motivos, com a única exceção da disposição cooperativa para o entendimento, possam ser revogados (e a que questões de validade possam ser separadas das de gênese) (HABERMAS, 2010, p. 185).

O resultado de um discurso não pode ser decidido unicamente nem por constrangimento lógico nem por constrangimento empírico, mas sim pela “força do melhor argumento”. Habermas designa esta força por motivação racional (HABERMAS, 2010, p. 212).

Um argumento é a fundamentação que pretende motivar-nos a reconhecermos a pretensão de validade de uma afirmação ou de um imperativo, ou então de uma avaliação (HABERMAS, 2010, p. 214). Para Siebeneichler (2010, p. 27) a “sociedade compõe-se apenas de participantes, muitos dos quais se encontram em processo de busca sincera da verdade, no qual o que conta são os melhores argumentos”.

Como destaca Freitag (1988, p. 59), é nisso que consiste a racionalidade para Habermas: “não faculdade abstrata, inerente ao indivíduo isolado, mas procedimento argumentativo pelo qual dois ou mais sujeitos se põem de acordo sobre questões relacionadas com a verdade, à justiça e à autenticidade”. É tanto no diálogo cotidiano, como no discurso, que todas as verdades anteriormente consideradas válidas e inabaláveis podem ser questionadas e todas as relações sociais são consideradas resultado de uma negociação na qual se busca o consenso e respeita-se a reciprocidade fundados no melhor argumento.

Habermas, de acordo com Cenci (2012, p. 117), rejeita qualquer hierarquia entre os discursos. Para Habermas, cada esfera discursiva, como âmbito parcial da razão prática, é resultado das diferenciações das interações sociais. Racionalidade comunicativa em maior medida, por sua vez, amplia no interior de uma comunidade de comunicação o espaço de ação estratégica para a coordenação não coativa de ações e a superação consensual de conflitos de ação (desde que estes remontem a dissonâncias cognitivas, em sentido estrito) (HABERMAS, 2012, p.43).

Em contextos de comunicação, não é chamado de racional apenas quem faz uma asserção e é capaz de fundamentá-la diante de um crítico, tratando de apresentar as evidências devidas. Também é assim chamado de racional quem segue uma norma vigente e se mostra capaz de justificar seu agir em face de um crítico, tratando de explicar uma situação dada à luz de expectativas comportamentais legítimas (HABERMAS, 2012, p. 44).

Habermas (2010, p. 227) dá uma perspectiva de conjunto sobre os graus de radicalização a que, nos discursos, deve-se poder proceder se se pretende que uma explicação teórica ou uma justificação teórica motive racionalmente a aceitação de uma pretensão de validade controversa. A forma do discurso teórico tem de permitir uma radicalização sucessiva, quer dizer, a autorreflexão do sujeito cognoscente. Analogamente, a forma do discurso prático tem de possibilitar uma radicalização sucessiva, ou seja, a autorreflexão do sujeito agente. Este é estendido a um desenvolvimento cognitivo por sua vez religado à argumentação.

A informação, para Habermas, seria aquilo que se constitui em dois pontos de difícil sutura, em que será colocada em jogo a função integradora da linguagem: entre a representação e a abdução linguística e entre os usos sistêmico-administrativos e os usos comunicacionais da linguagem (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p. 183).

Habermas resgata primeiro o conceito de informação como momento da relação do homem com o mundo. Informações “constituem-se nos processos de objetivação, em contextos de ação, ancorados no tempo e no espaço, e oferecem garantias performáticas à práxis, na lida com objetos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p. 185).

As informações constituem, assim, uma zona de negociação entre os mundos da vida e o mundo. A comunicação intersubjetiva, porém, está em dependência do que o mundo “decide” comunicar, seja sobre a existência dos objetos a que remetem as informações, seja acerca dos estados de coisas no mundo descritos em proposições assertóricas (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p. 186).

“As teorias de Habermas, assim, oferecem tanto caminhos como interrogações para pensar a informação como desafio do presente” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2009, p. 200). Como destaca Siebeneichler (2010, p. 28), uma ideia habermasiana sobre a comunicação por meio da mídia eletrônica e digital é destaque de a Era das transições, de Jürgen Habermas, publicada pela editora Tempo Brasileiro, em 2003. Na obra, Habermas afirma que a comunicação digital desempenha uma função importante na sociedade atual, que se encontra em transição para um mundo cada vez mais complexo e globalizado e interligado por redes digitais.

O mais importante, conforme é destacado por Siebeneichler (2010, p. 28) é que a comunicação não se rompa e a liberdade comunicativa, quer dizer, a liberdade de dizer “sim” ou “não” a opiniões e pretensões de validade exteriorizadas não sofra entraves. Para Habermas, a filosofia, assim como fora para Theodor Adorno e Herbert Marcuse, é um pensamento que não pode ser travado ou imobilizado, mas apenas corrigido ou orientado por argumentos.

Conclusão

A Wikipédia, embora tenha iniciado a construção no início desse século XXI (mais precisamente em 15 de janeiro de 2001), ainda parece, para alguns, novidade na história editorial das enciclopédias. É hoje, porém, considerada a maior enciclopédia da história humana e ganha, com ajuda da evolução tecnológica, mais força no alcance da produção de mais verbetes e em mais línguas. É comum, entretanto, ver notícias que pregam menor interesse de colaboradores na produção da Wikipédia, mas, ao mesmo tempo, reconhece-se o esforço de colaboradores em angariar mais voluntários para dar força ao projeto.

Percebe-se que a Wikipédia configura o conhecimento enquanto discurso e que o hipertexto, nela, configura materialidade discursiva. Os laços sociais que se criam, assim, ficam sempre abertos ao escrutínio público concluindo-se que toda narrativa é uma controvérsia demandando participação do público, criando-se redes que se organizam socialmente, uma vez

que a Wikipédia é tecida por discursos conduzidos por milhares de sujeitos pertencentes a diversas partes do planeta.

A Wikipédia reconhece a autoridade do melhor argumento porque admite cooperação e discussão no contexto mais puro habermasiano. A autoria é relativa de todos e a produção textual colaborativa em rede faz repensar o conceito de autoria. O estudo conclui que prevalece a autoridade do melhor argumento a partir da escuta dos pontos de vista, críticas, sugestões e interferências dos sujeitos. O uso que uma sociedade faz das ferramentas disponíveis depende das necessidades de cada comunidade e da maneira como cada grupo se organiza para fazer com que elas, as necessidades, sejam atendidas.

O conteúdo produzido e compartilhado sem custos por um misto de usuários híbridos (produtores e consumidores de informação e de conhecimento) derruba o paradigma existente antes do surgimento de uma sociedade em que os contatos passam a ser mediados por tecnologia digital. A comunicação de muitos para muitos amplia a produção de conhecimento e coloca a sociedade civil global em destaque e capaz de ser ouvida por meio do discurso que se estabelece nesses meios.

A Internet permite a globalização da comunicação e, com isso, a filosofia da linguagem ganha destaque porque passa a ser considerada o fenômeno linguístico a ser valorizado nesse espaço de veiculação de discursos. No ciberespaço navegam discursos e a arena deve ser ocupada por todos. Mesmo que os comentários caiam no vazio armazenado dos dispositivos, enquanto a estrutura técnica estiver disponível pela Wikipédia, por exemplo, haverá a chance de voltar ao discurso e segui-lo a partir do ponto em que parou.

No ciberespaço amplia-se a possibilidade de construção de opiniões públicas, de certa forma com maior liberdade, por meio da comunicação que é estabelecida pelos atores da sociedade civil. Espera-se que a sociedade ganhe com a ampliação de uma comunicação mais horizontal, com plena interatividade, mediada pelas tecnologias e os dispositivos criados a partir de agora.

A internet abriga um ambiente capaz de fornecer o discurso prático que Habermas sugere. Na Wikipédia conclui-se que mesmo em artigos controversos o consenso é obtido a partir de certo tempo em discussão. Com o mundo cada vez mais globalizado e em uma sociedade interconectada e ligada por redes de tecnologias de informação e comunicação, pensa-se que as relações entre sujeitos sejam as verdadeiras produtoras do conhecimento.

As atuais dinâmicas comunicacionais mudam a forma de validação da informação, pois é possível visualizar e discutir essa dinâmica uma vez que prevalece a autoridade do argumento e, não, o argumento da autoridade. Essas mudanças são parte de processos na esfera cultural que variam de acordo com a época em que se vive e das tecnologias disponíveis em cada sociedade.

É proposto, portanto, que na Wikipédia aconteça uma *validação discursiva da informação*, pois diante da ideia habermasiana de emancipação humana, o agir comunicativo voltado ao entendimento mútuo propõe processos que levam os membros da sociedade a uma maturidade capaz de manter a autoridade dos argumentos estabelecidos no discurso.

No encadeamento das ideias de que as coisas têm pretensões de validez e que elas passam por um processo de validação até adquirirem validade, por validação discursiva da informação entende-se o processo de um agir comunicativo voltado ao entendimento mútuo alcançado pela ideia habermasiana de emancipação humana e de discurso. O processo envolve o uso da linguagem que promove avanços nas pretensões de validez quando justificadas discursivamente.

Referências

AIGRAIN, Philippe. The Individual and the Collective in Open Information Communities. In: BLED ELECTRONIC COMMERCE CONFERENCE, 16, 2003, Slovenia. *Anais ...Slovenia: BLED*, 2003. Disponível em: <<http://flosshub.org/sites/flosshub.org/files/aigrain3.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

BARRETO, Aldo. Uma quase história da Ciência da Informação. *Datagramazero*: revista de ciência da informação, 2008, v.9, n.2. Disponível em: < http://www.dgz.org.br/abr08/Art_01.htm>. Acesso em: 10 nov. 2012.

BAUWENS, Michel. *A economia política da produção entre pares*. Disponível em <http://www.p2pfoundation.net/index.php/A_Economia_Política_da_Produção_entre_Pares> Acesso em: 04 dez. 2013

BENKLER, Yochai. *The Penguin and the Leviathan: how cooperation triumphs over self-interest*. New York: Crown Business, 2011.

BENKLER, Yochai. *The wealth of networks: how social production transforms markets and freedom*. Yale: Yale University Press, 2006.

BLATTMANN, U; SILVA, F. C. Colaboração e interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.12, n.2, p.191-215, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/530/664>>. Acesso em: 06 jan. 2010.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento – II: da enciclopédia à Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CAMPELLO, Bernadete S. Enciclopédias. In: CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo T. *Introdução às fontes de informação*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CENCI, Angelo Vitório. Da ética do discurso à teoria do discurso. In: NOBRE, M; REPA, L (Orgs.). *Habermas e a reconstrução: sobre a categoria central da Teoria Crítica Habermasiana*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

DEMO, Pedro. *Qualidade humana: somos corpo e alma, nem só corpo, nem só alma*. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2009.

DUPEYRIX, Alexandre. *Compreender Habermas*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

ESTEVES, Bernardo; CUKIERMAN, Henrique. A controvérsia sobre as causas do aquecimento global em 15 artigos da Wikipédia lusófona. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA, 13, 2012. *Anais ...* São Paulo, USP, 2012.

FREITAG, Barbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

GLEICK, James. *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A informação no pensamento contemporâneo: aproximações à teoria do agir comunicativo de Habermas. In: BRAGA, Gilda Maria; PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Orgs.) *Desafios do impresso ao digital: questões contemporâneas de informação e conhecimento*. Brasília: IBICT: Unesco, 2009.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Novas configurações do conhecimento e validade da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7, 2007, Salvador. *Anais ...* Salvador: Enancib, 2007a.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide; GRACIOSO, Luciana de Souza. Ciência da Informação e a ação comunicativa no cenário web. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8, 2007, Salvador. *Anais ...* Salvador: Enancib, 2007b.

GRACIOSO, Luciana de Souza. J. Habermas, Validação Comunicativa e Ciência da Informação. In: BOCCATO, Vera Regina Casari; GRACIOSO, Luciana de Souza. *Estudos de Linguagem em Ciência da Informação*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo, Edições Loyola, 2004.

HABERMAS, Jürgen. *Fundamentação linguística da Sociologia: obras escolhidas de Jürgen Habermas*. Lisboa, Edições 70, 2010.

HABERMAS, Jürgen. Teorias da verdade. In: _____. Obras escolhidas de Jürgen Habermas volume 2: teoria da racionalidade e teoria da linguagem. Lisboa: Edições 70, 2010b. Cap. 5.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo volume 1: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Editora WMF Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo volume 2: sobre a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HENGE, Gláucia da Silva. A Wikipédia e o discurso de/sobre o conhecimento. IN: ENCONTRO DO CELSUL, 9, Palhoça, SC, 2010. *Anais ...* Santa Catarina, Universidade do Sul de Santa Catarina, 2010.

HERMANN, Nadja. *Conferência sobre Jürgen Habermas*. Rio de Janeiro. 2012. Aula ministrada em 25 abril e 9 mai. 2012. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila.

JOHNSON, Telma. *Nos bastidores da Wikipédia lusófona: percalços e conquistas de um projeto de escrita coletiva on-line*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

JUSTINIANO, Leonides da Silva. Estado e identidades pós-convencionais. In: MARTINS, C. A.; POKER, J. G. A. B. (Orgs.). *O pensamento de Habermas em questão*. Marília: Oficina Universitária Unesp, 2008.

LIMA, C. R. M de; ROMAN, D. J; RÉGIS, F .B; DITTRICH, M. A cultura de colaboração e inovação dos desenvolvedores de softwares livres. *Liinc em Revista*. Rio de Janeiro, v.6, n.1, março, 2010. p. 101-114. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/326>> Acesso em: 10 nov. 2012.

MARTINS, Beatriz Cintra. Autoria colaborativa e validação textual: o caso Wikipédia. *Contemporânea: comunicação e cultura*, v.11, n. 1, jan/abril., 2013, p. 72-88.

PINZANI, Alessandro. Habermas. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROSS, Alain.; CHIASSON, Mike. Habermas and information systems research: new directions. *Information and organization*, n. 21, p. 123-141, 2011.

SCOTTA, Larissa. Da enciclopédia e da Wikipédia: uma leitura discursiva. *Artefactum: revista de estudos em linguagem e tecnologia*. Ano 2, n.2, fev, 2009.

SIEBENEICHLER, Flávio Beno. *Conferência sobre Jürgen Habermas*. Rio de Janeiro. 2010. Aula ministrada em 15 out. 2010. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apostila.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understanding of Science*, n. 3, v. 19, maio, 2010.

